

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS

Rafaela Santos de Lima Palma

MULHER, ARTISTA, NEGRA: RELEITURA DA OBRA DE ROSANA PAULINO

Juiz de Fora
2019

Rafaela Santos de Lima Palma

MULHER, ARTISTA, NEGRA: RELEITURA DA OBRA DE ROSANA PAULINO

Artigo apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Renata Oliveira Caetano

Juiz de Fora
2019

AGRADECIMENTOS

A Deus, que foi meu guia e facilitador nessa jornada!

Ao Tiago, meu esposo, que sempre me apoiou!

Aos meus filhos, Diogo e Sophia, por me incentivar!

A Prof.^a Dr.^a Renata Oliveira Caetano, pela atenção, profissionalismo e dedicação durante o processo de orientação!

A Prof.^a M.^a Patrícia Gomes Alves de Souza, coorientadora, pelo carinho e presença constante.

Aos professores, tutores e colegas, que me proporcionou experiências inovadoras, contribuindo para o crescimento intelectual, artístico e pessoal!

A todos, que de alguma forma contribuíram para realização e finalização deste trabalho!

A minha família, minha eterna gratidão!

MULHER, ARTISTA, NEGRA: RELEITURA DA OBRA DE ROSANA PAULINO

Rafaela Santos de Lima Palma¹

Orientação: Renata Oliveira Caetano²

RESUMO

O presente trabalho de Conclusão de Curso tem como intuito desdobrar algumas obras de uma artista negra brasileira para a sala de aula por meio do uso da releitura. Faz-se necessário compreendermos os desafios que as mesmas encontram para incluir-se no seio da sociedade artística, sendo muitas vezes dominado em razão de gênero, alvo de desvalorização, violência e preconceito. Como a arte pode contribuir para fazer repensar as opressões e explorações vividas por essas mulheres? A partir dessa reflexão, apresenta-se o relato de um projeto desenvolvido com os alunos do Ensino Médio, no ano de 2019, em São Lourenço. A proposta era trabalhar leituras e releituras das obras da artista Rosana Paulino. A análise de tal atividade aponta que durante o processo de reconstrução das imagens, as preferências, os conhecimentos prévios e particulares dos alunos influenciaram na percepção e análise visual.

Palavras-Chave: Mulheres negras – Arte como intervenção – Rosana Paulino Releitura.

ABSTRACT

The present work of Conclusion of Course is intended to unfold the work of a black Brazilian artist to the classroom through re-reading. It is necessary to understand the challenges they face in order to be included in the artistic society, being often dominated by gender, a target of devaluation, violence and prejudice. How can art contribute to rethinking the oppressions and exploitations experienced by these women? From this reflection, the report of a project developed with the students of the Secondary School, in the year of 2019, in São Lourenço. The proposal was to work readings and re-readings of the works of the artist Rosana Paulino. The analysis of such activity indicates that, during the process of reconstruction of the images, students' preferences, previous and particular knowledge influenced perception and visual analysis.

Key words: Black Women – Art as an Intervention – Rosana Paulino - Rereading

¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdade Victor Hugo. Graduada em Música pela Universidade Vale do Rio Verde.

² Doutora em Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Arte. Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História. Especialista em Arte Cultura Visual e Comunicação. Licenciada e Bacharel em Artes. É professora do Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Atlântico Vermelho. Impressão Digital sobre Tecido, recorte e costura 127,0 x110,0 cm. 2017. Fonte: Site <http://www.rosanapaulino.com.br/blog/galeria/>.

FIGURA 2. Tecido Social. Visão Frontal da peça. Monotipia colorida e costura sobre o tecido. Aproximadamente 2,80 x 5,00 m. Fonte: Site <http://www.rosanapaulino.com.br/blog/galeria/>.

FIGURA 3. Proteção Extrema contra dor e sofrimento 2. Grafite e Aquarela sobre papel.42,5x 32,5 cm. 2011. Fonte: Site <http://www.rosanapaulino.com.br/blog/galeria/>

FIGURA 4. Bastidores. Xerox transferida sobre Tecido, bastidor de madeira e linha. 30,0cm de diâmetro.1997.Fonte: <http://www.rosanapaulino.com.br/>.

FIGURA 5. Releitura de Bastidores, feita pelos alunos do 2º ano B (2019), lápis de cor sobre papel 210mmx297mm. Fonte: Registro Pessoal.

FIGURA 6. Releitura de Proteção Extrema contra dor e sofrimento, feita pelos alunos do 3º ano A (2019), lápis de cor e tinta guache sobre papel 210mmx297mm. Fonte: Registro Pessoal.

FIGURA 7. Releitura de Atlântico Vermelho, feita pelos alunos do 1º ano A,B e C (2019), lápis Grafite e lápis de cor sobre papel, papel celofane. 0,70x0,70cm. Fonte: Registro Pessoal.

FIGURA 8. Releitura de Atlântico Vermelho, feita pelos alunos do 2º e 3º ano (2019), lápis, lápis de cor e tinta guache sobre papel e costura sobre tecido. 1,00x1,00m. Fonte: Registro Pessoal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. DESENVOLVIMENTO

1.1 A LUTA DAS MULHERES8

1.2 MULHERES NEGRAS: “Sombras de Cidadãos”9

1.3 ROSANA PAULINO 11

2. METAMORFOSEANDO O CONTEXTO: RELEITURAS DAS OBRAS DE

ROSANA PAULINO15

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS 19

4. REFERÊNCIAS20

INTRODUÇÃO

A humanidade vivenciou e vivencia o preconceito contra as mulheres desde os primórdios até os dias atuais. Elas foram negligenciadas em várias atividades inclusive no que tange a área artística, estando muitas vezes á margem ou como uma sombra da figura masculina. Mas, qual é a função da mulher nessa sociedade?

A organização social infere uma função primordial de direitos e deveres. E um desses direitos é a dignidade da pessoa humana, tendo como objetivo ser livre, justa, sem preconceitos de origem, sexo e outras formas de discriminação. No Brasil somos regidos pela Constituição Federal, que aborda em um dos seus parágrafos que todos são iguais perante a lei, e que homens e mulheres são possuem os mesmos direitos e obrigações. Mas, essa paridade de gênero é real?

Poderíamos usar inúmeros exemplos para responder negativamente à pergunta acima, contudo, delimitamos nosso material ao campo artístico. É pensando nessa desarmonia, entre escrita e ação, que iremos abordar as dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras para se destacarem como assunto do campo de pesquisa da História da Arte.

Pode-se dizer que a figura feminina foi tida na arte como um modelo, algo que difere de acordo com a sociedade e momento histórico. Contudo é patente que elas foram durante muito tempo o escopo de inspiração, sendo vistas mais como objeto do que sujeito, valorizada em suas formas, fragilidade, corpo e essência feminina, não sendo respeitada como ser pensante capaz de sonhar e criar.

Para compreendermos a linguagem visual é primordial a interpretação das imagens que nos rodeiam. Assim, o trabalho se inicia com o preconceito vivenciado pelas mulheres negras, biografia e obras de Rosana Paulino. Em seguida, passamos à descrição de uma ferramenta didática, proporcionando o uso dos elementos que são as leituras e releituras acerca das obras de Paulino.

Tal tema foi escolhido, para demonstrar a quebra de paradigmas, a luta por direitos, valorização da mulher negra que sempre esteve á margem da sociedade e desvendar a participação da mulher nos processos de criação, tendo a arte como instrumento de transformação.

1 DESENVOLVIMENTO

1.1 A LUTA DAS MULHERES

De acordo com Michele Perrot, muitas são as dificuldades para quem resolve adentrar na história das mulheres, sendo um campo muitas vezes minado, porém “as mulheres não estão sozinhas neste silêncio profundo. Ele envolve o continente perdido das vidas tragadas pelo esquecimento em que se aniquila a massa da humanidade” (PERROT, 2005, p.11). A pesquisa no universo feminino requer diversas fontes, uma delas é uso das imagens e objetos. O silêncio abordado pela historiadora se torna mais intenso para as classes mais simples e mulheres negras, não é somente o mutismo na fala, mas do gesto e expressão.

Em épocas primitivas, o homem era associado à ideia de ser viajante e guerreiro, que não se prendia ao lar, tendo como função sustentar e dar proteção à família. Já as mulheres se detinham aos afazeres domésticos, educação e zelo familiar, não possuíam direitos e viviam sob a tutela de seus maridos. Em conformidade com Nabais (2008), a mulher fazia os afazeres subalternos e viviam a sombra onnipresente do homem.

No período do Renascimento, ainda que com uma predominância masculina, começaram os primeiros movimentos de educação nos quais a mulher ganharia alguma proeminência, especificamente no campo das altas sociedades, ainda que de forma limitada. Quando criança, elas recebiam uma educação voltada para cuidar do lar, a cozinhar, costurar, bordar, principalmente para o matrimônio e para a vida materna.

O desenvolvimento das cidades levou ao aparecimento da figura feminina na vida comercial em profissões como padeiras, artesãs, comerciantes de pequenos produtos. Restrita aos nobres e aristocratas, a educação era ainda de encargo da Igreja e, a vida da mulher comum, camponesas e das camadas mais pobres, não possibilitavam maiores oportunidades que não aquela destinada ao casamento.

Com o decorrer de um longo período, surgem fatos que dão início a emancipação de uma figura que vivia somente em prol dos afazeres domésticos e cuidados familiares. Nesse sentido a Revolução Francesa e a proclamação dos princípios universais, marcados pela “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, as mulheres participam com o objetivo de transformar a condição econômica de sua

família e luta para conquistar seus direitos políticos, buscando a igualdade com os homens.

Assim, a mulher passa a reivindicar efetivamente um lugar como cidadã e trabalhadora, para ajudar no sustento do lar.

Em 1793, foi aprovado pela Convenção³ o Sufrágio Universal masculino, movimento esse que excluía a mulher de ter direito ao voto, sendo concedido a elas, o direito de atuar na política como não cidadã. Foi então que as revolucionárias se reuniram para informar a Convenção, da sua não aprovação no Sufrágio Universal, exigindo então, o direito das mulheres. Assim, a Revolução Francesa mudou a condição feminina, levando-as a participarem dos movimentos revolucionários.

No século XIX, em sua maioria o homem é que se destaca no campo de produção das artes, a mulher se manifestou através da sedução, inspiração e havia algumas artistas.

As mulheres estavam sedentas por tais transformações, o que as alimentavam era a justiça, a liberdade e o rompimento com as paredes domésticas, o ir além. Não possuíam condições igualitárias a dos homens, mas já atuava no campo da arte, uma figura que conquistava seu espaço aos poucos, lutando por seus direitos. Conforme Perrot, no século XX, as coisas mudaram, porém sem sobressaltos.

1.2 MULHERES NEGRAS: “SOMBRAS DE CIDADÃOS”

Conforme Ângela Dawis (1981), as mulheres do século XIX, eram vistas como uma figura protetora, dona de casa, porém as mulheres negras eram consideradas praticamente uma anomalia. Quando se inicia os burburinhos da abolição do tráfico escravagista, as elas foram vistas apenas como “reprodutoras” e não como “mães”, dando oportunidade de suas crianças serem vendidas e enviadas para longe.

As mulheres eram vulneráveis a todas as formas de coerção sexual, sendo que, de acordo com Dawis, os homens eram punidos com açoitamentos, já as

³ Convenção Nacional ou simplesmente Convenção, é a denominação dada ao regime político que vigorou na França entre 20 de setembro de 1792 e 26 de outubro de 1795, no processo da Revolução Francesa, marca a tomada de poder a ser realizada pelas camadas populares francesas. CONVENÇÃO NACIONAL. Publicado por: Rainer Gonçalves Sousa, 2019. Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/convencao-nacional.htm>>. Acesso em: 24 de Mai.2019

mulheres eram açoitadas, mutiladas e muitas vezes estupradas. Contudo, após um longo período sendo dominada pela sociedade patriarcal, em virtude de uma cultura ou de uma tradição de séculos, uma nova realidade surge no século XX. Ainda que seja considerada uma força de trabalho secundária menos abastada e mais produtiva, as mulheres entrepostas no mercado de trabalho em diversas áreas de atuação assumem postos de comando, auxiliam ou até mesmo assumem as despesas do lar, ganharam o direito de voz ativa na sociedade e a liberdade de expressão.

Em 1975, após tantas lutas e reivindicações, no Congresso das Mulheres Brasileiras, as negras, em especial, confessam as discriminações raciais e sexuais a que estão subordinadas. Fazendo com que seja realizada a Semana do Negro na Arte e na Cultura, que se configurou como uma ação em prol das lutas da libertação nacional e contra a discriminação racial. A partir daí surgem Centros, Associações e Grupos a fim de divulgarem as histórias e as Artes da Cultura Negra.

Pode-se dizer que as mulheres sempre enfrentaram diversas dificuldades, assim sendo nos vem um questionamento feito pela historiadora da arte, Linda Nochlin: *“Por que não houve grandes mulheres artistas?”*. Para a historiadora, sabemos que vivemos essa realidade dentro da História da Arte e das demais áreas, a grande maioria vive em uma sociedade opressiva e desestimulante, por não ter tido a sorte de nascerem brancos burgueses e homens. Então a culpa não está nas mulheres, nem em sua genética, mas nas Instituições e Educação, que se permeia de significados e símbolos.

Na verdade, o milagre é dado às esmagadoras chances contra as mulheres ou negros, que muitos destes ainda tenham conseguido alcançar absoluta excelência em territórios de prerrogativa masculina e branca como a ciência, a política e as artes.(NOCLIN,2006,p.9)

Assim, em conformidade com Nochlin, as mulheres de modo geral devem se configurar como ser potencialmente e efetivamente iguais, enfrentando os fatos, não se fazendo de vítima, tendo um elevado nível emocional e intelectual, que essa igualdade não seja só viável, mas alentada pelas instituições sociais. Partindo desta premissa, é hora de analisarmos o caminho árduo, as dificuldades enfrentadas,

dentre trajetória e ancestralidade, por uma artista mulher e negra que se destaca em suas obras, alvo de potencialidade e inspiração.

1.3 ROSANA PAULINO

Nascida em São Paulo, em 1967, de uma família afrodescendente, sua produção é ligada as questões sociais, étnicas e de gênero. Tendo como foco a mulher negra na sociedade brasileira e as diversas dificuldades enfrentadas pelas mesmas, dentre elas: violência, racismo e as marcas causadas pela escravidão.

Paulino, que também é pesquisadora e professora. Ela explana em sua tese de Doutorado que uma das principais discussões em suas obras e conteúdos é o estereótipo ligado às mulheres. Para tanto, a artista se utiliza de várias técnicas como: pintura, colagem, desenho, fotografia, tecelagem. Em uma matéria de Andrei Reina (2018), divulgada pela Revista Bravo Virtual, ela relata que em sua infância, subia em pé de árvores, brincava na rua, e sua mãe era quem confeccionava seus brinquedos, aproveitando a terra que ficava à margem do rio Tietê, para fazer barro e dar para ela brincar. Depois elas deixavam as peças expostas ao sol para secar e pintar. Em seu relato, a mãe era bordadeira é a fonte com quem acabou aprendendo a desenvolver a técnica, sendo esse um dos elementos importantes de seus trabalhos. As bordaduras atravessam obras desde as Instalações “Tecerãs”, quanto aos desenhos de mulheres sendo entrelaçados com as linhas e bordados.

O trabalho da artista adentra em questões sociais e políticas de uma memória que é nossa, trazendo à tona uma história escondida, mas que demanda transparência. Assim, apresentaremos algumas obras específicas da artista, de forma a demonstrar o debate que ela propõe.

A obra “Atlântico Vermelho” fala sobre as consequências da expansão europeia. Hoje nos parece absurda a transposição de pessoas, negros e negras, impondo-lhes o tráfico negreiro no qual durante anos seres humanos foram capturados e vendidos, mas na época as pessoas se fundamentavam em bases jurídicas, morais, religiosas e econômicas. Assim, a artista mostra os males trazidos pela escravidão, o mar tingido de sangue e a representação das pessoas com vendas nos olhos, dando visibilidade a história dos negros.

Figura 2. Tecido Social. Visão Frontal da peça. Monotipia colorida e costura sobre o tecido. Aproximadamente 2,80 x 5,00 m. Fonte: Site <http://www.rosanapaulino.com.br/blog/galeria/>

A obra “Proteção Extrema contra a dor e sofrimento”, as figuras de mulheres nuas, perseguidas, sempre tratadas como objetos sexuais, buscam criar por meio do pranto um cobertor protetor. Poderíamos compreender essa imagem como a expressão de milhões de mulheres caladas que sofrem abusos e são violentadas deixando apenas suas lágrimas como um instinto de proteção.



Figura 3. Proteção Extrema contra dor e sofrimento 2. Grafite e Aquarela sobre papel. 42,5 x 32,5 cm. 2011. Fonte: Site <http://www.rosanapaulino.com.br/blog/galeria/>

A série “Bastidores” mostra a imagem de fotografia 3x4 de diferentes mulheres negras com parte dos seus rostos cobertos por uma costura em linha preta. Falam de corpos, memórias e experiências como um meio de retratar a dor de corpos repletos de traumas, manifestando através da arte a experiência de refletir e incorporar sua personalidade e a conexão com sua liberdade. Conforme Paulino faz o uso das linhas cobrindo partes do corpo como sinal do direito restrito das mulheres negras.



Figura 4. Bastidores. Xerox transferida sobre Tecido, bastidor de madeira e linha. 30,0cm de diâmetro.1997.Fonte: <http://www.rosanapaulino.com.br/>

Resultado das criações é um diálogo entre passado e presente, vemos as visões de uma mulher e artista que procura romper com os casulos do preconceito, violência e traumas. Com toda a garra e autoconfiança, Paulino aborda seus trabalhos com muita propriedade, construindo uma obra que a coloca entre os principais nomes da arte contemporânea do Brasil. Tecendo novas teias de conhecimento e ampliando-as no ensino e na vida.

De acordo com Ana Mae Barbosa, aprender através da Arte significa oferecer aos alunos a oportunidade de desenvolver a capacidade de interpretação, imaginação, criatividade, inteligência racional e motora.

Um dos instrumentos didáticos que foi muito utilizado na década de 1990 é a releitura de obras, que demanda primeiramente a interpretação, provoca a criatividade, e dá oportunidade de se usar diversos instrumentos não sendo necessário fazer o uso dos mesmos materiais da obra, contudo a essência da mesma deve ser preservada.

Barbosa ressalta ainda que quanto mais complexa, mais criativa e geradora se torna uma releitura, visto que, “[...] uma releitura divergente e/ou subjetivada amplia o universo da alteridade visual e exercita o processo de edição de imagens com o qual nossa cognição visual naturalmente trabalha” (BARBOSA, 1998, p.40).

Entretanto, vale ressaltar que há várias possibilidades de leitura dessas imagens e interpretações. Foi pensando no ensino-aprendizagem e na necessidade de trazer a arte para a realidade discente que foi proposta a releitura da obra de

Rosana Paulino, para auxiliar no desenvolvimento de senso crítico e do olhar artístico.

Esta consideração será exemplificada no próximo tópico.

2. METAMORFOSEANDO O CONTEXTO: RELEITURAS DAS OBRAS DE ROSANA PAULINO

Esta explanação refere-se às aulas de Arte ministradas no Ensino Médio em uma Escola Estadual da cidade de São Lourenço, Minas Gerais. A proposta foi desenvolvida com os alunos do 1º, 2º e 3ºano do Ensino Médio. Lá, as aulas de Artes acontecem uma vez por semana, abordando aulas teóricas e práticas. Os conteúdos são trabalhados respeitando o fazer artístico, a apreciação e a reflexão, oferecendo as linguagens artísticas para o desenvolvimento do aluno.

Dessa forma, o trabalho foi dividido em duas etapas. Na primeira, aconteceu uma roda de conversa sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres, e em especial as mulheres negras, sendo feita uma associação com a história da escravidão no Brasil. Após a escuta e a participação dos alunos, foi explanado sobre as mulheres artistas, em especial da artista Rosana Paulino. Em um segundo momento foi feita a aula expositiva sobre as obras da artista. Realizamos leituras formais observando: cor, linha, os elementos expressivos e leituras Interpretativas dando oportunidade dos estudantes falarem o que pensavam de produções como: Atlântico Vermelho (2017), Tecido Social (2010), Proteção Extrema contra Dor e Sofrimento (2011) e Bastidores (1997).

A princípio as obras trouxeram inquietação aos estudantes. Alguns acharam engraçado, outros ficaram sérios. É importante destacar que na primeira etapa, além de encorajar os alunos a arriscarem interpretações pessoais em relação às imagens, as aulas ofereceram também informações contextuais que nortearam as atividades práticas executadas na segunda etapa. Após verem e conversarem sobre as obras expostas, eles foram provocados a recriar uma das quatro obras trabalhadas. Houve liberdade de escolha sobre os materiais e as técnicas, porém deveria ser feito em sala. Os discentes também poderiam atribuir novos personagens, cores, símbolos etc. Assim, o trabalho foi realizado em grupo, que debateram possibilidades, fizeram estudos sobre a releitura na atualidade e finalmente criaram suas próprias

proposições. As técnicas predominantes foram o desenho artístico, pintura com tinta guache, tinta acrílica e lápis de cor. Abaixo, apresentaremos alguns resultados obtidos.

A releitura da série “Bastidores” nos 2º anos A e B do Ensino Médio, traz a imagem do que, para eles, é a mulher moderna. Compreendemos que houve cuidado por parte dos alunos em retratar a dor, refletir os traumas causados pela vivência. A boca vedada, antes feita por linhas, agora por uma faixa com o texto em inglês “stop”, demonstra a frieza, o medo, em mistura com o tom de simplicidade e solidão.



Figura 5. Releitura de Bastidores, feita pelos alunos do 2º ano B (2019), lápis de cor sobre papel 210mmx297mm. Fonte: Registro Pessoal

Já sobre a obra “Proteção Extrema contra a dor e o Sofrimento”, a releitura fez com que os alunos do 3º anos A e B, fossem além da preocupação com a violência sexual, citando palavras que também agridem e machucam. De acordo com eles, as cores vivas ao invés de serem de alegria, simbolizam o choro do preconceito, vertem lágrimas de todas as cores, simbolizando a união de todos em prol do bem comum e contra os preconceitos existentes na sociedade.



Figura 6. Releitura de Proteção Extrema contra dor e sofrimento, feita pelos alunos do 3º ano A (2019), lápis de cor e tinta guache sobre papel 210mmx297mm.

Fonte: Registro Pessoal

A releitura da obra “Atlântico Vermelho”, fez com que os alunos do 1º anos A, B e C mergulhassem em um oceano de perseguições, lutas promovidas pelo processo colonial. Conforme relato dos alunos, o papel vermelho demonstra que apesar de sair do Atlântico ele ainda permanece em nós, em nossa história. Apesar de ter a boca ser livre, a mulher com venda azul segue acorrentada. A mulher com a venda escrita Atlântico só vive do barulho do oceano. O navio representa a colonização e as consequências da escravidão. O osso que antes era representado pela artista, agora ganha carne e luta pela abolição e por direitos. A mulher que segue com as bocas e os olhos livres, ainda luta para se recompor, simbolizando nossa pátria.



Figura 7. Releitura de Atlântico Vermelho, feita pelos alunos do 1º ano A,B e C (2019), lápis Grafite e lápis de cor sobre papel, papel celofane. 0,70x0,70cm. Fonte: Registro Pessoal

A obra “Tecido Social” feita pelos alunos do 2º anos e 3º anos, ganhou um novo olhar, depois de tantas discussões e inúmeras ideias. Vemos aqui uma sociedade feminina submersa em diversos preconceitos, violências, opressões, ditaduras de beleza. Porém, são presas umas as outras por costuras, histórias, superações e muitas que apesar do anonimato deram suas vidas para quebrarem as correntes da escravidão.



Figura 8. Releitura de Atlântico Vermelho, feita pelos alunos do 2º e 3º ano (2019), lápis, lápis de cor e tinta guache sobre papel e costura sobre tecido. 1,00x1,00m. Fonte: Registro Pessoal

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise em busca de figuras femininas na arte. Levando em consideração que a história é fundada a partir de vários pontos de vista, estando distante do cenário que caracterizava a época, todavia revelando passados a fim de reconhecermos a trajetória e dificuldades encontradas por mulheres de uma forma geral e no campo artístico.

A arte foi uma das ferramentas de transformação dessas mulheres, criando mecanismos para questionar o modo como viviam, rompendo com os discursos dominantes, aflorando o seu lado prazeroso e comprovando que possuíam qualidades de se expressarem. Tornando-as fortalecidas tanto no campo social como profissional.

No trabalho, foi abordada uma breve história sobre o desenvolvimento social de diferentes épocas, das condições humanas que impunham limites, dos problemas oriundos da falta de organização e dos grandes desafios da posição da mulher negra, de uma forma panorâmica.

A partir disso, fundamentamos nosso trabalho na história da artista, professora e pesquisadora Rosana Paulino. O recorte foi feito de forma a exaltarmos seu trabalho, que vem trazendo a tona o valor da mulher, especialmente das mulheres negras, que são parte da história, mas que muitas vezes, por questões de preconceito, caem no abandono e na desmemória.

E para concluir, vivenciamos a releitura das obras de Paulino em contexto escolar. Apesar das diferentes experiências e conhecimentos dos estudantes, não se esgotam as possibilidades de leituras e releituras do trabalho da artista. Contudo, essa proposição promoveu um contato com a análise visual e com o processo criativo de modo pessoal, no qual os alunos tiveram a oportunidade de contribuir com seus próprios repertórios.

Assim, destacamos como se faz necessário aos arte-educadores que além de abordar os fundamentos da linguagem visual, criem experiências, suscitem temas novos ou aqueles já esquecidos. Isso incentiva a criação de novos significados e sensibiliza a apreciação de questões que passariam despercebidas ou seriam tomadas como banais, tanto dentro quanto fora do conteúdo escolar.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Maria Elisabete Arruda. SANTOS, Taís Valente dos. **Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres**. Recife: Massangana / Fundação Joaquim Nabuco. 2016.

BARBOSA, Ana Mae Tavares. **Tópicos Utópicos**. - Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. 1ªed. São Paulo: Boitempo, 2016.

FREITAS, Susy. **Mulheres arte revolução: reescrevendo páginas da história da Arte**. 02/07/2016. <http://www.cineset.com.br/mulheres-arte-revolucao-reescrevendo-paginas-da-historia-da-arte/>, acessado em: 03/04/2019.

_____ **A história da escravidão negra no Brasil**. Geledés Instituto da Mulher Negra. 13/07/2012. <https://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negra-brasil/> acessado em: 09/04/2019.

MATUOKA, Ingrid. **Centro de Referência Educação Integral**. Entrevista com Ana Mae Barbosa. 26/11/2018. <https://educacaointegral.org.br/reportagens/ana-mae-barbosa-e-educa-cao-por-meio-da-arte/> Acessado em 22/04/2011.

NABAIS, João Maria. **A história esquecida da mulher na música**. Suplemento das Artes e Letras do jornal O Primeiro de Janeiro. 02/06/2008. Disponível em: http://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Nabais-Historia_Mulher_Musica.pdf. Acesso em: 04/04/2019.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** Tradução: Juliana Vacaro. São Paulo: Aurora. 2016.

PAULINO, Rosana. **Perfil e Biografia**. <http://www.rosanapaulino.com.br/> acessado em 05 de abril às 23:04h.

PAULINO, Rosana. **Imagens de sombras**. Tese apresentada a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.rosanapaulino.com.br/blog/tese/>. Acessado em 05/04/2019.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

REINA, Andrei. **Sutura da Arte no Tecido Social**. Entrevista com Rosana Paulino. REVISTA BRAVO.07/12/2018. https://medium.com/_revista-bravo/rosana-paulino-e-a-sutura-da-arte-no-tecido-social-brasileiro-9bdb7f744b4e. Acessado em: 21/04/2019.

SOUZA, Daiane. **A cronologia da luta pelo fim da discriminação racial no País**. 21/09/2011. <http://www.palmares.gov.br/?p=9513> acessado em: 09/04/2019.